



A Casa de Poesia

Poemas
para as
crianças

A Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais apresenta a exposição literária itinerante *Casa de Poesia: poemas para as crianças*, parte de um projeto que traz a literatura para o cotidiano das comunidades, semeando o amor pelas palavras e o encantamento pelos versos. Idealizada pela Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) e coordenada pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias de Minas Gerais, essa iniciativa aproxima crianças e jovens do universo poético, incentivando o hábito da leitura e nutrindo a imaginação.

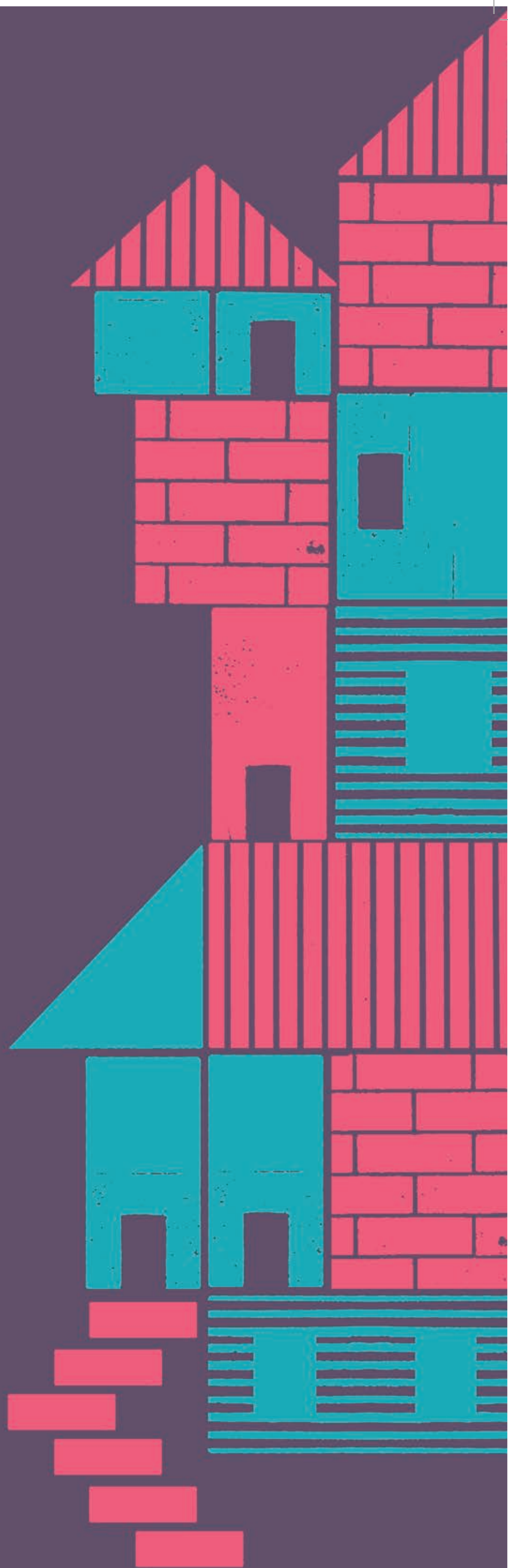
A literatura na infância é uma porta aberta para um mundo de descobertas e emoções. Ao mergulharem nos versos de autores como Cecília Meireles, Roseana Murray, Vinicius de Moraes e Ferreira Gullar, as crianças exploram a linguagem de forma lúdica e transformadora. Esse contato com a poesia, tão rico em metáforas e musicalidade, desperta nelas uma sensibilidade especial, ampliando seu vocabulário e fortalecendo seu desenvolvimento intelectual e emocional.

À medida que percorre as cidades mineiras, Casa de Poesia transforma bibliotecas em espaços de encontro e de criação, promovendo atividades literárias que celebram o poder da poesia. Com oficinas, leituras e diálogos, a mostra incentiva que as palavras ganhem vida e que cada criança possa experimentar a literatura como um abraço sensível e acolhedor.

Agradecemos a todos que tornam possível esta jornada literária, reafirmando o compromisso de Minas Gerais com a cultura e a formação de novos leitores.

LEÔNIDAS OLIVEIRA

Secretário de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais



O alfabeto tem vinte e seis letras que, juntas, podem formar milhares de palavras. Com as palavras pensamos, comunicamos, informamos, contamos histórias, brincamos e até podemos ficar calados. Quando elas se juntam pelo ofício de um artista para dizer coisas inusitadas, para nos fazer pensar ou rir ou chorar ou imaginar situações a partir do que sugerem, estamos falando, de maneira bastante simplificada, de poesia.

Escolhemos dezesseis poemas para convidar os leitores das bibliotecas públicas de Minas Gerais a lerem poesia e a conhecerem as muitas possibilidades que a língua nos oferece para compreendermos o tempo, o espaço e as relações que vivemos – é isso que a poesia faz: ela nos mostra que a mesma palavra que ordena e oprime, pode subverter e libertar, fazer chorar e rir, em sonoridades e sentidos que se renovam a cada leitura. Silenciosamente, em voz alta, sozinho, com a professora e os colegas da escola, com a família, para alguém que está por perto... há muitas maneiras de se aproximar das palavras e do convite que elas fazem.

Desejamos que essa exposição seja apenas um tijolinho, e a biblioteca pública um lugar de construção da casa de poesia de cada um de seus leitores.

FABÍOLA FARIAS

Curadora



Ferreira Gullar

O gato é uma maquininha que a natureza inventou; tem pelo, bigode, unhas e dentro tem um motor.

Mas um motor diferente desses que tem nos bonecos porque o motor do gato não é um motor elétrico.

É um motor afetivo que bate em seu coração por isso ele faz ron-ron para mostrar gratidão.

No passado se dizia que esse ron-ron tão doce era causa de alergia para quem sofria de tosse.


Tudo bobagem, despeito, calúnias contra o bichinho: esse ron-ron em seu peito não é doença – é carinho.

O ron-ron do gatinho



Henriqueta Lisboa

Hoje completei sete anos.
Mamãe disse que eu já tenho consciência.
Disse que se eu pregar mentira,
não for domingo à missa por preguiça,
ou bater no irmãozinho pequenino,
eu faço pecado.

Fazer pecado é feio. 
Não quero fazer pecado, juro.
Mas se eu quiser, eu faço.



Consciência

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi a minha
primeira namorada.

Porquinho-da-índia

Sérgio Caparelli

Um hipopótamo na banheira
Molha sempre a casa inteira.

A água cai e se espalha,
Molha o chão e a toalha.

E o hipopótamo: “Eu não ligo,
Estou lavando o umbigo!”

E lava e nunca sossega,
Esfrega, esfrega e esfrega

A orelha, o peito, o nariz
As costas das mãos e diz:

Agora vou dormir na lama
Porque é lá a minha cama.

Minha cama



Leo Cunha

Um elevador
que leve
um elefante.

Uma boleia
que leve
uma baleia.

Uma dinamite
que leve
um dinossauro.

Um helicóptero
que leve
um hipopótamo.

Que leve
a imaginação.
Que leve!

Faz de conta



Selma Maria

O que é isso?
Isso é tudo!
Tudo isso?
Isso mesmo!

Isso Isso, Isso Isso
Todo dia, tudo isso

O que é isso?
É só isso?
Tudo bem, é isso mesmo
É isso! Descobri!

Isso Isso, Isso Isso
Todo dia, todo dia
Tudo isso.

Isso
isso

Roseana Murray

Tem avó que é diferente,
nada de cachorro, gato,
cavalo ou duende.

Galinha de estimação
é o que a avó carrega
feito mapa do tesouro,
para lá e para cá
(parecem duas dançarinas).
e para quem conta
os seus segredos, fala do tempo,
do que vai colher, do que vai plantar.

A galinha concorda: có,
discorda: cócó,
Às vezes dorme, às vezes acorda
e muitas vezes esquece
que a avó não é galinha.
Apesar de tão quentinha,
a avó é gente.

Colo de avó



Mario Quintana

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

Cidadezinha



Lúcia Hiratsuka

Risco o chão de terra batida,
o corpo alongado, os olhos, as nadadeiras...

Mais riscos e rabiscos mil,
o corpo, as escamas, as nadadeiras...
e o meu quintal vira mar.



Chão de peixes

HIRATSUKA, Lúcia. Chão de peixes.
Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2018.

Ilustração: Santiago Régis

Ronaldo Simões Coelho

Eu vi uma aranha
Admirando
O pano de mesa
Feito de crochê
Por minha avó.

Minha avó
Tinha contado
Ter aprendido
A bordar com as aranhas.

Eu era tão bobo
Que não acreditei,

Agora eu sei.



Manoel de Barros

Meu casaco é da cor do sol.
E uma andorinha
queria trocar o casaco dela comigo;
mas o casaco da andorinha
era cinzento.
Ela pensa que eu sou maluco?



Paulo Leminski

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava para ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
— Amanheça, por favor!

A lua no cinema

The End

Vinicius de Moraes

Era
uma
casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos Bobos
Número zero.

A casa

Cecília Meireles

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
Mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

A bailarina



Elias José

Essa casa é de caco
quem mora nela é o macaco.

Essa casa tão bonita
quem mora nela é a cabrita.

Essa casa é de lata
quem mora nela é a barata.

Essa casa é de telha
quem mora nela é a abelha.

Essa casa é de cimento
quem mora nela é o jumento.

Essa casa é elegante
quem mora nela é o elefante.

E descobri de repente
que não falei em casa de gente.

A casa e o seu dono



José Paulo Paes

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Convite

Governador do Estado de Minas Gerais

ROMEU ZEMA



Vice-governador

MATEUS SIMÕES

Secretário de Estado de Cultura e Turismo

LEÔNIDAS OLIVEIRA

Secretária de Estado Adjunta de Cultura e Turismo

JOSIANE DE SOUZA

Subsecretária de Cultura

MARISTELA RANGEL

Superintendente de Bibliotecas, Museus e Economia da
Criatividade

ITALLO GABRIEL

Diretor do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas

LUCAS AMORIM

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias

CLEIDE FERNANDES

ERICKA FANTAUZZI | GRAZIELLE SANTIAGO | SILVANIA ALVES

Presidente da Associação de Amigos da Biblioteca Pública
Estadual de Minas Gerais

JOSEMBERG MENDES

Curadoria

FABÍOLA FARIAS

Ilustrações e projeto gráfico

SANTIAGO RÉGIS

Patrocínio

DESCENTRA >>>>>
>>>>> CULTURA

Lei nº 24.462
26/09/2023

CA: 2018.13609.0160



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

Realização



ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS
DA BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL
LUIZ DE BESSA - SABE

SEBP

SISTEMA ESTADUAL DE
BIBLIOTECAS PÚBLICAS



DIRETORIA
DO LIVRO, LEITURA,
LITERATURA E BIBLIOTECAS

ALIBERDADE
MORA EM
Minas
#VENPRAMINAS

CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.